



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16819 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 22 - Educação Ambiental

PERSPECTIVAS DE MULHERES NEGRAS, EDUCADORAS AMBIENTAIS SOBRE O RACISMO AMBIENTAL

Elizabeth de Souza Corrêa - UFF - Universidade Federal Fluminense

Maria Jacqueline Girão Soares de Lima - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

PERSPECTIVAS DE MULHERES NEGRAS, EDUCADORAS AMBIENTAIS SOBRE O RACISMO AMBIENTAL

Este trabalho tem como objetivo apresentar resultados preliminares de uma pesquisa de mestrado a respeito da percepção de mulheres negras envolvidas com pautas ambientais sobre racismo ambiental, no contexto do racismo estrutural e sistêmico.

É importante reconhecer que, além das condições precárias de habitação, trabalho, saúde e educação e de acesso a recursos naturais essenciais, os corpos definidos como subalternizados por Spivak (2010 p.12), como indivíduos que pertencem “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”, enfrentam desproporcionalmente os impactos mais severos dos danos ambientais (Pires e Guimarães, 2016). Considerando que as mulheres negras e indígenas são as mais vulnerabilizadas e expostas aos efeitos das mudanças climáticas e da falta de políticas públicas, como afirma Riquito (2021, p.9) “as alterações climáticas têm consequências em termos de gênero, raça e classe, com especial incidência para as mulheres negras, pobres, do Sul Global, indígenas, campesinas, etc”, este trabalho empenha-se em tratar o racismo ambiental como uma das formas de materialização do racismo estrutural e sistêmico, reforçado pela lógica capitalista de exploração da natureza e dos corpos femininos, a partir das perspectivas de mulheres negras.

A princípio, direcionamos a pesquisa para as percepções de mulheres negras que vivenciam o debate da educação e/ou militância ambiental, com foco em sua participação e/ou presença em espaços centrais do debate, assim como o entendimento que as mesmas têm acerca do racismo ambiental e dos impactos deste em suas ações como militantes e/ou educadoras. Para a definição do conceito trazemos Herculano (2008, p. 16), que estabelece que “o racismo ambiental diz respeito às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma desproporcional sobre etnias vulnerabilizadas”. A autora também descreve que o racismo ambiental é representado não apenas por meio de ações com propósitos racistas, mas também se manifesta pelas ações que trazem impactos raciais, mesmo sem motivação racial explícita. Quando levado em consideração os atravessamentos relacionados à classe, gênero e raça temos por resultado uma maior incidência desses problemas sobre mulheres negras, já que os domicílios chefiados por estas costumam enfrentar maiores entraves associados à precariedade (IPEA, 2011).

Para fazer um mapeamento de campo, foi utilizado um formulário google com perguntas que abordam temas pertinentes ao assunto. No formulário - direcionado exclusivamente a mulheres negras - solicitamos às respondentes que se identificassem e indicassem faixa etária, nível de escolaridade, formação, tempo e modalidades de atuação na EA, concepções de racismo ambiental, percepção sobre a participação de mulheres negras nos espaços acadêmicos, de gestão ou de poder relacionados à Educação Ambiental e desafios enfrentados pelas mulheres negras no campo. Obtivemos nove respostas a partir de nossas redes de contatos e de indicações profissionais. Para a próxima etapa da pesquisa, estão previstas entrevistas semi-estruturadas individuais com quatro mulheres, selecionadas com base em seus pertencimentos territoriais, etários e profissionais. Optamos por esse tipo de entrevista por entender que a entrevistada tem a possibilidade de discorrer sobre suas vivências e práticas de forma livre a partir do foco principal proposto.

A partir das respostas obtidas, foi identificado o perfil das respondentes como mulheres negras com formação na área de Biologia e/ou integrantes de movimentos sociais relacionados à luta de povos e territórios, com idade entre 30 e 49 anos, em sua maioria com nível de mestrado ou MBA. Os resultados parciais da pesquisa indicam que, na perspectiva das entrevistadas, a pauta ambiental é atravessada pelo racismo, machismo, classismo e patriarcado branco capitalista. Em relação ao termo racismo ambiental, 89% das respondentes disseram já ter ouvido falar sobre o conceito e sabem que são as mais afetadas. Muitas carregam a consciência de que chegar a espaços acadêmicos e de poder traz o compromisso de abertura de caminhos para outras mulheres, e ter a conscientização das opressões ajuda a pensar estratégias para construir, de maneira coletiva, espaços e movimentos onde suas vozes possam ser ouvidas. Concluimos por ora que a diversidade de perspectivas, histórias, vivências e experiências de mulheres negras enriquecem o debate sobre a questão ambiental e o debate climático no Brasil e no mundo, sendo estas não apenas objeto de estudo e sim potentes multiplicadoras de saberes e vivências.

Palavras-chave: racismo ambiental; mulheres negras; educação ambiental; injustiça ambiental.

REFERÊNCIAS

HERCULANO, Selene. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. *Revista de Gestão Integrada em saúde do trabalho e meio ambiente*, v.3, n.1, jan/ abril 2008. p.1-20.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Retrato das desigualdades de gênero e raça. 4. ed. Brasília: 2011.

PIRES, Thula Rafaela de Oliveira; GUIMARÃES, Virginia Totti. [Injustiça ambiental e racismo ambiental: a marca da estratificação sócio-racial nas zonas de sacrifício do Estado do Rio de Janeiro](#). Projeto de Pesquisa 2016. Disponível em: https://law.yale.edu/sites/default/files/area/center/kamel/sela16_pires_cv_port.pdf. Acesso em 20 de Abr. 2024.

RIQUITO, Mariana. Antropoceno patriarcal, petro-masculinidades e masculinidades industriais: Diálogos feministas sobre a crise climática. *Revista ex aequo- Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*, n.43, 2021. p. 15-29. Disponível em: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2021.43.02> Acesso em: 03 Jan. 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakraverty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.